



Especial

Jornalismo esportivo: ensino, aprendizagem e conceitos

Marcelo Cardoso¹

RESUMO: O artigo foi redigido a partir de textos desenvolvidos por alunos da disciplina *Esporte: Fenômeno, regras e táticas* do curso de Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo e Multimídias da Universidade Anhembi-Morumbi (SP) e da bibliografia oferecida aos discentes. Os textos foram editados para este artigo a fim de compor uma visão dos alunos em torno do jornalismo esportivo. Parte-se do pressuposto de que a relação do jornalismo esportivo com as demais áreas, especialmente as conflitantes, gera boas reflexões e aprendizagem para o estudante. O interesse toca, especialmente, a intersecção do esporte com áreas como a da Saúde, do Lazer e da Educação. Objetivou-se compartilhar com alunos, professores, jornalistas e demais interessados parte do processo de ensino-aprendizagem de ambos os envolvidos: estudantes e professor.

PALAVRAS-CHAVE: *Ensino. Especialização. Esporte. Interface. Jornalismo Esportivo.*

ABSTRACT: The article was written from texts developed by students of the discipline Sport: Phenomenon, rules and tactics of the Post-Graduate course in Sports Journalism and Multimedia of the Anhembi-Morumbi University (SP) and the bibliography offered to the students. The texts were edited to compose a vision of the student about sports journalism. It is assumed that the relationship between sports journalism and other areas, especially the conflicting ones, generates good reflections and learning for the student. The mainly interest touches on the intersection of sport with areas such as Health, Leisure and Education. The objective was to share with students, teachers, journalists and other stakeholders a teaching-learning process of both involved: students and university professor.

KEYWORDS: *Teaching. Specialization. Sport. Interface. Sports Journalism.*

¹ Docente do curso de Pós-Graduação da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo. É mestre em Comunicação e membro dos grupos de pesquisa: Comunicação e Cultura do Ouvir, Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) e Comunicação e Esporte (Intercom). Trabalhou como jornalista em veículos de comunicação como O Estado de S. Paulo e Rádios América, Bandeirantes, Capital e Eldorado, em São Paulo. E-mail: cardoso_marcelo@uol.com.br

Introdução

Pensar em um conceito amplo de jornalismo esportivo que inclua aspectos ligados ao esporte e suas interfaces com a saúde, o lazer e a educação. O ponto de vista é um dos primeiros apresentados aos alunos da disciplina *Esporte: Fenômeno, regras e táticas* do curso de Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo e Multimídias da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo. A ideia é que os alunos pensem um conceito que poderíamos chamar de “completo” mesmo considerando que há margem para certa subjetividade. O importante é estimular os discentes a avançarem para além das visões clássicas que enxergam o jornalismo esportivo como uma extensão da definição do próprio jornalismo como explicam Barbeiro e Rangel (2006) logo na introdução de seu livro:

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13)

17

Logo na sequência os autores avisam que, porém, há uma ressalva: “(...) trabalhar com jornalismo esportivo tem suas especificidades. Ele se confunde, frequentemente, com o puro entretenimento” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13). Podemos citar, também, outras relações deste jornalismo especializado em esportes que muitas vezes são indesejáveis ou polêmicas como, por exemplo, comenta o jornalista Celso Unzelte (2009) ao apresentar pontos favoráveis e contrários ao jornalista que se envolve com publicidade para, ao final, concluir: “sou absolutamente contra a presença do merchandising em programas não só esportivos, como de informação em geral”. (UNZELTE, 2009, p. 111)

A relação do jornalismo esportivo com as demais áreas, especialmente as conflitantes, costuma gerar bons momentos de reflexão e aprendizagem para o aluno. Por isso o artigo vai além do conceito e traz abordagens entremeadas por autores, mas, também, por discussões e opiniões de alunos e deste professor que o redige. O texto foi escrito, principalmente, para os neófitos (jovens jornalistas que estão entrando agora no mercado de trabalho ou o fizeram há poucos anos). O *paper* foi redigido com a

colaboração de jovens que já possuem, ao menos, uma graduação, mas decidiram investir mais em sua formação². Todos eles têm o desejo de ampliar os seus conhecimentos sobre o jornalismo esportivo e áreas adjacentes para adquirirem diferenciais que os ajudem a se consolidar (ou iniciar) na temática. É por isso que este texto foi liderado por um professor que acredita nestes jovens talentos e que eles poderão mudar para melhor o jornalismo esportivo do país.

A maioria dos discentes é formada em cursos de Jornalismo, mas sempre há aqueles que vêm de áreas ligadas à Publicidade, às Relações Públicas, a cursos que formam radialistas e, também, e não menos importantes, a áreas da Odontologia, da Psicologia, do Direito, da Educação Física, entre outras. Estabelecer um fio condutor que una todos os interesses nem sempre é fácil, mas é possível a partir da ementa da disciplina. Afinal, todos têm em comum o interesse pelo jornalismo esportivo e, paralelamente, pelo esporte. É exatamente na intersecção do esporte com outras áreas onde podemos encontrar campo fértil para discussões. Parte da ementa da disciplina nos auxilia a ilustrar a reflexão: “Buscar a compreensão do fenômeno e a instituição esporte e a interface com o mundo moderno entendendo suas nuances como lazer, espetáculo, performance”.

O artigo, portanto, é fruto dos textos desenvolvidos pelos alunos durante o curso da disciplina ministrada em 2016 e que foram editados por este professor para compor uma visão atual em torno do jornalismo esportivo. O objetivo foi compartilhar com alunos, professores, jornalistas e com quem mais tiver curiosidade, parte do processo de aprendizagem de ambos os envolvidos: estudantes e professor. Sim, nunca é demais lembrar que o docente aprende com seus alunos e, como defendia um dos maiores educadores e filósofos comprometidos com a educação no Brasil, Paulo Freire (1996, p.51), o “sujeito que se abre ao mundo e aos outros, inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

² Colaboraram neste artigo os discentes Andréia Marra, Andrea Alves Costa, Alexandre Senechal Duarte, Diego Rafael Santos de Souza, Fernando Lanzac Martinelli, Fernando Tiago de Oliveira Amaral, Gabriela de Camargo Silva, João Torralbo, Julia Amaral Vieira, Leandro Massoni Ilhéu, Melissa de Lima Truys, Renan Durazzo Ribeiro Santos, Renan Suminski Paladino que cursaram a referida disciplina no ano de 2016.

Não temos a pretensão de esgotar o tema pelo fato de que perpassa outras áreas como a da Saúde, do Lazer, da Educação, da Ética, do Entretenimento, entre outras. Pretendemos, porém, apresentar algumas reflexões e possíveis caminhos para se observar e compreender melhor o jornalismo esportivo e o processo de aprendizagem ao qual foi inserido.

Um conceito complexo para o jornalismo esportivo

Para tentar construir um conceito de jornalismo esportivo mais abrangente os alunos costumam passar primeiro pelas definições mais conhecidas e que, com frequência, são citadas por jornalistas em seus livros sobre o tema. A maior dificuldade é colocar em poucas linhas os significados tão complexos que as especificidades do jornalismo esportivo trazem consigo.

Uma das abordagens preferidas pelos alunos é questionar como o profissional pode evitar se envolver com aspectos emocionais inerentes à opção do jornalista em torcer por um time, por uma equipe, por um atleta, por um piloto ou por uma escuderia. Como ser ético e imparcial? Ao escrever sobre a temática, Andréia Marra³ citou a frase do jornalista Clóvis Rossi que cai muito bem para o segmento esportivo do jornalismo e, ao mesmo tempo, define a prática da profissão:

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1980, p.7)

Alexandre Senechal Duarte⁴, outro aluno do curso, enveredou pelo mesmo caminho: se amparar nas acepções clássicas para explicar como o fator emocional entrelaça profissional, público, esporte e esportista e citou uma das definições de autores estudadas por ele:

³ Andréia Marra cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

⁴ Alexandre Senechal Duarte cursou a disciplina no primeiro semestre de 2016.

A característica fundamental do jornalismo esportivo, e que diferencia essa editoria de qualquer outra, é a paixão que o esporte desperta no público. Ao produzir seu texto para jornal, rádio ou internet, o jornalista esportivo tem que estar ciente de que está lidando com uma paixão do leitor/telespectador. E por conta disso, a editoria de esporte é a que consegue atingir todas as classes sociais. (CARVALHO, In Pena, 2005, p. 81)

A aluna Andrea Alves Costa⁵ também foi categórica ao ressaltar que a “única unanimidade que o jornalismo traz é a paixão pelo esporte, seja por algum motivo específico ou por vários” (COSTA, 2016). Outro estudante, João Torralbo,⁶ fez um alerta demonstrando neste campo específico uma das armadilhas da profissão:

(...) o profissional especializado no jornalismo esportivo carrega com ele uma essência que não está presente nos outros profissionais de jornalismo de outras áreas. Essa essência traz consigo algo que carrega desde os tempos de infância. O profissional que opta por seguir nesse segmento certamente tem no esporte sua paixão, algo que faz sua vida ter sentido desde os tempos que aprendeu a andar e brincar com uma bola. Talvez seja por isso, que o jornalismo esportivo acaba por ser uma área em que, ao mesmo tempo é fascinante, mas, também, traiçoeira. (TORRALBO, 2016)

Ao analisar os textos dos alunos notamos a preocupação com a conduta profissional dentro e fora de campos esportivos. É positivo que tragam a visão sobre a prática do jornalismo exercida com responsabilidade e neutralidade como observou Leandro Massoni Ilhéu⁷:

Os debates (por vezes, nada) jornalísticos também estão entre os problemas enfrentados na área. Acompanhamos muitos de nossos colegas deixarem o lado profissional e partirem para o sentido pessoal, o que pode ser classificado como vexatório. A verdadeira missão do comunicador está em fazer com que a notícia – divulgada por qualquer meio – chegue com objetividade ao telespectador, ouvinte ou leitor e, em algumas circunstâncias, transmita valores sociais. (ILHÉU, 2016)

Para Renan Durazzo Ribeiro Santos⁸ o jornalismo esportivo tem na imparcialidade a principal meta a ser atingida durante a atividade e seria bem-vinda para a imagem das empresas de comunicação:

⁵ Andrea Alves Costa cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

⁶ João Torralbo cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

⁷ Leandro Massoni Ilhéu cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

⁸ Renan Durazzo Ribeiro Santos cursou a disciplina no primeiro semestre de 2016.

A questão de o jornalista ser imparcial é tratada como um desafio, pois o profissional tende a ter uma determinada preferência por um time A ou B. Com isso, é cada vez mais comum os principais veículos de comunicação estarem ligados pelo público a um determinado time. Além disso, trabalhar com esportes requer algo que outras áreas não têm, que no caso é a paixão do torcedor. O profissional precisa entender que é um influenciador de opiniões. (SANTOS, 2016)

O alerta do aluno se adequa bem ao futebol e, não por acaso, no país onde o esporte predomina, desperta a atenção para problemas éticos que envolvem os nossos jornalistas. Pelas palavras de Santos percebemos uma das facetas mais fortes do jornalismo esportivo que é aquela dedicada ao futebol, principalmente o veiculado pelas emissoras de TV do Brasil. Na mesma linha de opinião segue a aluna Julia Amaral Vieira⁹, porém, com uma ressalva importante ao afirmar que se tornou comum “considerar o futebol uma religião e o esporte, apenas um jogo, uma atração (...) para algumas pessoas o esporte, no entanto, pode motivar, incentivar, emocionar e auxiliar o desenvolvimento do caráter”. (VIEIRA, 2016).

Na busca pela audiência os canais de televisão apostam na ênfase ao futebol. Mas o fenômeno também ocorre em outros meios de comunicação como no rádio onde as mesas redondas, os debates (e discussões) em torno do futebol ocupam horários importantes na programação esportiva. Diego Rafael Santos de Souza¹⁰ entende que há um fato positivo na programação que se costuma denominar de pós ou de pré-jogo, quando as emissoras de rádio e de TV divulgam inúmeras informações apresentando dados importantes, estatística etc., entretanto, o aluno critica a sazonalidade da concentração em certas modalidades esportivas:

Há pouca variação de tema e muitas vezes a emissora perde público específico que busca um outro tipo de conteúdo. A TV aberta costuma aumentar a cobertura de atividades como handebol, basquete e outras modalidades somente durante jogos olímpicos. A televisão a cabo possui emissoras desportivas, mas sem mostrar muito o esporte amador. (SOUZA, 2016)

⁹ Julia Amaral Vieira cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

¹⁰ Diego Rafael Santos de Souza cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

Durante a olimpíada e a parolimpíada de 2016 o brasileiro viu, ouviu e leu sobre modalidades esportivas que não frequentam normalmente os noticiários, mas, passados os megaeventos “os esportes que nos apresentaram novos heróis no Rio de Janeiro praticamente sumiram (...) o foco principal do jornalismo esportivo voltou a ser o futebol. Está enraizado na cultura brasileira”¹¹ (SILVA, 2016).

O fato é que o jornalismo deve ter objetivos que vão além da “cobertura de eventos esportivos ou da cobertura somente de partidas e de campeonatos de futebol”, como destaca Renan Suminski Paladino¹² (2016). Para o estudante, fazer jornalismo é mais do que emitir notícias e produzir programas “nos quais os participantes colocam suas ideias, críticas e sugestões, proporcionando longos debates” (PALADINO, 2016). Na visão do aluno a função social que o jornalismo carrega em qualquer especialidade é relevante e por isso um dos papéis do jornalismo esportivo é estimular a “prática de atividades físicas, mesmo como forma de lazer, destacando os cuidados com a saúde, incentivando uma vida saudável e, paralelamente, divulgando tanto a realização de eventos profissionais quanto amadores” (PALADINO, 2016).

Por isso a cobertura esportiva não deve ser verificada apenas em torno de campeonatos, megaeventos e partidas importantes ou sazonais, o que exige muito mais dos jornalistas. O aluno Fernando Lanzac Martinelli¹³ acredita que “somente acompanhar treinos, coletivas, jogos dos clubes de futebol já não é o suficiente para garantir uma boa cobertura. É preciso se especializar, cursar disciplinas específicas relacionadas a determinados segmentos na área”. (MARTINELLI, 2016)

Afinal, de qual especialização tratamos?

A internet vem ganhando terreno na preferência do público, principalmente os mais jovens. O antigo sistema da radiodifusão, baseado na produção de um para todos, cedeu espaço para um sistema

¹¹ Gabriela de Camargo Silva cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

¹² Renan Suminski Paladino cursou a disciplina no primeiro semestre de 2016.

¹³ Fernando Lanzac Martinelli cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia (...) (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 24).

Além dos portais ligados às tradicionais empresas de comunicação hegemônicas do país, há blogs, canais no You Tube, grupos de pesquisa e comunidades acadêmicas que discutem e divulgam o esporte nas suas mais variadas modalidades e o jovem não está alheio a tudo isso como defende Melissa de Lima Truyts¹⁴ (2016) ao lembrar que jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão “foram às primeiras janelas para o mundo”, mas hoje não são suficientes para as pessoas que exigem mais informação de qualidade. A autora afirma que:

a internet, como tecnologia de mediação comunicacional, permite que qualquer pessoa possa criar, distribuir e consumir conteúdos digitais. Dentro do atual cenário, o jornalismo esportivo tem que se reinventar diariamente. Não basta contar histórias, é necessário se preocupar constantemente em mostrar o impacto que elas causam. (TRUYTS, 2016)

Os conhecimentos empírico e teórico são, sem dúvida, ferramentas de qualquer jornalista na busca incessante pela atualização das notícias e do próprio aperfeiçoamento do profissional, mas, na rede, estão espalhados, pulverizados e, por vezes, sem a credibilidade necessária. Um dos motivos que estimulam os estudantes a procurarem cursos como os de especialização é encontrar novos caminhos para o aprendizado em meio a tanto conteúdo disponível nos ambientes digitais. Vejamos o que pensam alguns deles por meio dos próprios textos:

O jornalista esportivo precisa estar preparado para cobrir, escrever ou opinar sobre qualquer modalidade. Caso contrário, existe o risco de os veículos (de comunicação) apostarem em ex-atletas. Cada vez mais o público exige do jornalista assuntos novos e informações verídicas e de qualidade, já que a notícia está cada vez mais próxima das pessoas. (SANTOS, 2016)

A melhor forma de trabalhar e propagar as informações do jornalismo esportivo é vivenciar os mais variados esportes, observando-os muito bem ou praticando-os a fim de produzir um material rico em informação e o mais profundo possível, cativando, assim, cada vez mais o seu público. (SOUZA, 2016)

¹⁴ Melissa de Lima Truyts cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

Para falar de esportes o jornalista precisa ter, no mínimo, um conhecimento básico sobre a modalidade a ser tratada. Isso vai desde as regras de determinado esporte, regulamentos das competições até de atletas de maior relevância no meio e saber mensurar a importância de cada resultado. Para que seja um especialista em determinada modalidade esportiva, o jornalista precisa conhecê-la mais a fundo, o que compreende desde o domínio das estratégias para aprofundamento nas análises ao relacionamento com os principais nomes e entidades ligadas à área. (AMARAL, 2016)¹⁵

Um ponto positivo que vale ser destacado, quando o assunto é a especialização no jornalismo esportivo, é que o jornalista passa a ser referência para o público e também para os colegas de profissão e a recompensa pode vir por meio da confiança e da credibilidade de seu trabalho. (MARTINELLI, 2016)

As opiniões reforçam a necessidade de o jornalista que atua na área esportiva passar por contínua reciclagem. Continua valendo a velha máxima que professores gostam de citar em sala de aula: jornalista deve ler de tudo, até bula de remédio, entretanto, os profissionais da notícia precisam estar cada vez mais atentos às áreas de interface e no segmento esportivo não poderia ser diferente, como defendeu o jornalista Mario Erbolato¹⁶, em sua obra *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso* (1980) na qual abordou a necessidade de se mergulhar no oceano dos esportes para compreender e relatar melhor tal conteúdo. Erbolato afirma no capítulo *O noticiário esportivo* que o jornalista deve conhecer regras e regulamentos da maioria dos esportes além de fatos correlatos como a

obtenção de alvará, condições para ser árbitro, *quórum* para as decisões das assembleias gerais dos clubes, transferência de amadores e profissionais, obrigatoriedade da divulgação de boletins financeiros mensais, proibições impostas aos atletas, prazo mínimo de horas entre uma e outra partida, criação de ligas, federações e confederações existentes, repressão ao doping, garantias aos profissionais e amadores que viajam para o exterior, funcionamento da Justiça Desportiva (...) (ERBOLATO, 1980, p. 13-14)

¹⁵ Fernando Tiago de Oliveira Amaral cursou a disciplina no segundo semestre de 2016.

¹⁶ Jornalista, professor, advogado e natural de Campinas (SP), Mario de Lucca Erbolato (1919 - 1990) foi autor de livros que se tornaram referência nos cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, em uma época de poucas obras específicas publicadas no país. Destaca-se, também, a obra *Técnicas de codificação em jornalismo impresso* (Vozes, 1978).

A obra ganhou relevância na época à medida que chamava a atenção para a necessidade da especialização do jornalista esportivo e indicava uma espécie de mapa para que o profissional conseguisse mergulhar firme na temática.

Um outro olhar para o jornalismo esportivo

Um dos desafios do jornalismo esportivo é lidar com as crescentes abordagens do esporte como entretenimento e que dominam os principais veículos de comunicação. Para a aluna Andréia Marra (2016) o surgimento da tecnologia digital auxiliou a consolidar o esporte como show midiático e hoje a “imprensa transforma o acontecimento esportivo em um espetáculo. A narrativa é trabalhada com esse fim” (MARRA, 2016).

A partir da leitura de um artigo do professor e jornalista Anderson Gurgel (2009) alunos como Andréia Marra puderam refletir mais sobre a questão. O pesquisador identifica parte do problema:

O nó teórico-prático sobre o “fazer jornalismo esportivo” dá-se justamente na fronteira do esporte espetáculo e agente do consumo versus esporte amador para a prática lúdica e descompromissada; do jornalismo do entretenimento espetacular versus o jornalismo que promove as práticas culturais em prol de uma sociedade melhor (incluindo-se o esporte nelas) versus o jornalismo que “propagandeia” celebridades e produtos na indústria cultural. (GURGEL, 2009, p. 196)

A afirmação de Gurgel tem relevância porque é pela divulgação por meio da imprensa que o esporte ganha contornos especiais, talvez, até, sobrenaturais aos olhos de crianças e adolescentes que se inspiram e sonham em ser um atleta. Durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016 quem foi às arenas, aos estádios e demais locais de competição presenciou muitos jovens nas arquibancadas. Por vezes eles chegavam em grupos vindos de comunidades carentes do Rio e que, por causa dos eventos esportivos tiveram a oportunidade de posar para fotos com campeões como o homem mais rápido do atletismo, o jamaicano Usain Bolt, ou assistir treinos de atletas olímpicos que eram promovidos pelos organizadores e patrocinadores dos jogos.

Por isso Fernando Martinelli (2016) acredita que o papel do esporte é “muito importante na formação de uma criança que pode aprender desde cedo valores

fundamentais como ganhar e perder, trabalhar em equipe, superação, humildade, respeito, disciplina etc.” O discente viu nos jogos olímpicos a consagração de atletas que vieram de classes sociais menos favorecidas na infância, como Rafaela Silva, medalha de ouro no judô, Isaquias Queiroz, ganhador de três medalhas na canoagem, ou mesmo a participação no *badminton* de Ygor Coelho, de 19 anos, que não levou medalha, mas representou o Brasil pela primeira vez na modalidade.

A influência deste aspecto do esporte sobre a formação dos pequenos brasileiros torna-se ainda mais importante pelo fato de o Brasil não ter uma cultura esportiva que contemple farta variedade de modalidades e pelos investimentos ainda serem reduzidos e pulverizados, se comparados à dimensão do país e ao número de habitantes. Como não foi ensinado a gostar de variadas modalidades, tornou-se comum para o brasileiro torcer para quem vence (MARTINELLI, 2016). Quem não se lembra da torcida por Gustavo Kuerten, detentor dos títulos mais importantes do tênis brasileiro, ou dos recentes sucessos dos surfistas campeões mundiais Gabriel Medina e Mineirinho. Quando os atletas de certas modalidades não brilham mais, aos poucos, o esporte vai voltando à condição de antes.

O esporte condiciona e transforma cidadãos de uma sociedade quando afasta crianças das ruas e educa por meio da divulgação de exemplos de respeito como ocorre no *rugby* no qual o capitão é o jogador mais experiente da equipe e é aclamado pelos demais jogadores, em vez de ser imposto pelo técnico (SOUZA, 2016). O jornalismo esportivo incrementa a propagação do esporte e seus benefícios quando veicula conteúdos socioeducativos em suas reportagens, em seus programas e demais formatos do gênero jornalístico e presta serviço quando debate “a respeito da política esportiva do país, ressaltando que o esporte é fundamental para a qualidade de vida das pessoas, e, também, é um instrumento de educação e formação de cidadãos”. (PALADINO, 2016)

O aluno Leandro Ilhéu compartilha da visão defendida pelos colegas e acrescenta que o jornalismo esportivo poderia ser uma espécie de escola

no sentido de oferecer à sociedade e, de certa forma, aos jovens que a compõem, valores nos quesitos de comportamento, cidadania e educação. Este papel da área jornalística talvez seja fundamental, até mesmo para a formação de um futuro atleta ou profissional de comunicação. (ILHÉU, 2016)

Outro aprendizado bem-vindo à imprensa esportiva se refere à cobrança exercida em excesso sobre os atletas que não conseguem vitórias ou ótimas colocações o que chamo, ironicamente, de Jornalismo Muttley numa alusão ao cãozinho sedento por medalhas do desenho de William Hanna e Joseph Barbera. O aluno Renan Paladino (2016) concorda com tal ponto de vista e acrescenta que o jornalista “precisa valorizar os resultados obtidos pelos atletas, sentindo na pele as dificuldades enfrentadas por eles, entendendo os fatores que influenciam no rendimento, e que eles precisam de superação para alcançar marcas”. (PALADINO, 2016)

Considerações Finais

Como já afirmamos em Cardoso (2016) ao ser um instrumento de mediação e facilitar trocas de conhecimento o jornalista especializado em esporte tem diante de si um vasto campo de múltiplas faces. Verificamos na imprensa esportiva, porém, abordagens cada vez mais relacionadas a competições de alto rendimento, aos megaeventos e suas imagens espetaculares. O esporte é excessivamente pautado pelos *media* segundo critérios ligados à audiência, ao apelo popular ou aos vínculos com o *marketing* e que tratam o jornalismo com superficialidade e sinônimo de ufanismo ou de entretenimento.

O jornalista tem um papel fundamental na difusão do esporte e de suas características que o fazem um fenômeno social e político possuidor da capacidade de influenciar a cultura de uma sociedade. Quando bem preparado, o jornalista tem mais chances de sugerir pautas diferenciadas, realizar reportagens especiais, fazer análises que tratam da política pública esportiva, das leis que abarcam o esporte como fenômeno sociocultural, de fiscalizar e denunciar, quando for o caso, o impedimento de se adotar o desporto como direito de qualquer cidadão. Abordagens que estimulam o alto rendimento, a competição e a vitória são totalmente aceitáveis, porém, é preciso mais equilíbrio nos enfoques para que o esporte no Brasil realmente se torne questão de Estado.

E é justamente na conexão do esporte com outras áreas como o Lazer, a Educação e a Saúde, que se exige aprofundamento cada vez maior dos profissionais da

comunicação. Os jornalistas deverão realizar com mais rigor e esclarecimento a interface entre especialistas e os consumidores de notícias para aprofundar a explicação dos fenômenos e demonstrar como afetarão a população.

As condições de trabalho do profissional da imprensa, geralmente, não colaboram no sentido de estimular uma especialização, por exemplo. Por causa dos baixos salários – em relação ao tempo dedicado ao seu trabalho -, o jornalista, muitas vezes, é obrigado a realizar duas jornadas, no entanto, sempre terá a opção de procurar caminhos alternativos, observar novas possibilidades e de driblar algumas regras para se aventurar - com mais equilíbrio - pela pauta esportiva.

Quando jovens estudam, pesquisam e aceitam desafios lançados por professores, estão no caminho certo para se tornarem profissionais mais completos. Quando um professor aceita o desafio de tecer um texto à tantas mãos, assume com humildade a possibilidade de que as trocas de conhecimento poderão contribuir para o seu próprio aprendizado.

Referências:

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUEL, Maria Rita. “Função social do esporte”. *Motrivivência*. Revista de educação física, esporte e lazer da Universidade Federal de Santa Catarina. n. 1989, pp.108-111. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19978/18382>>. Acesso em 23 dez. 2016.

CARDOSO, Marcelo. *Jornalismo especializado em esportes: uma discussão para ampliar conceitos e autores*. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo. Anais. INTERCOM, 2016, pp. 1-10. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1761-1.pdf>>. Acesso em 23 dez. 2016.

CARVALHO, Joana. *Jornalismo Esportivo*. In: PENA, Felipe (org). **1000 perguntas: Jornalismo**. Rio de Janeiro: editora Universidade Estácio de São, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. “O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o esporte midiático”. In: *Revista Conexões*, V.1. Campinas: Unicamp, 2001, pp. 90-96. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mItaWKmqVtwJ:periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8638038/5725+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25 ed.

GURGEL, Anderson; GUERRA, Márcio de Oliveira; MARQUES, José Carlos; ROCCO Junior, Ary. (Orgs.). **Comunicação e esporte: reflexões**. São Paulo: Intercom, 2012.

GURGEL, Anderson. “Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos”. *Motrivivência*. Ano. XXI, n.32/33, jun-dez, pp.193-210, 2009. Disponível em: <<http://andersongurgel.com.br/wp-content/uploads/2014/08/Desafios-do-Jornalismo-na-era-dos-Megaeventos-Esportivos-2010.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

MALULY, Luciano Victor Barros. *Jornalismo Esportivo: desafios e propostas*. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010, pp. 1-16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1779-1.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

_____. *A notícia olímpica*. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013. Bauru. Anais. Bauru: INTERCOM, 2013, pp. 1-10. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1021-1.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; PINTO, Leila Mirtes Magalhães; RODRIGUES, Rejanne Pena; ENGELMAN, Selda. (orgs.) **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/olimpismoEducacaoOlimpica.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo**: relatos de uma paixão. Organização: Magaly Prado. São Paulo: Saraiva, 2009.

Alunos citados neste Especial:

MARRA, Andréia; COSTA, Andrea Alves; DUARTE, Alexandre Senechal; SOUZA, Diego Rafael Santos de; MARTINELLI, Fernando Lanzac; AMARAL, Fernando Tiago de Oliveira; SILVA, Gabriela de Camargo; TORRALBO, João; VIEIRA, Julia Amaral; ILHÉU, Leandro Massoni; TRUYTS, Melissa de Lima; SANTOS, Renan Durazzo Ribeiro; PALADINO, Renan Suminski.